A RECEPÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO: PERCEPÇÃO DO PROFESSOR

Euda de Araújo Cordeiro
UFCG

Resumo
Neste artigo, apresentamos parte de uma pesquisa realizada junto a professores de escolas públicas e privadas de Campina Grande, com o objetivo de verificar, com fundamento em alguns pressupostos da Estética da Recepção, como os textos literários são recebidos por alunos da 1ª série do Ensino Médio.

Palavras-chave: Texto literário. Recepção do aluno. Percepção do professor.

Resumé
Dans cet article, nous présentons une partie d'une recherche réalisée auprès de professeurs d'écoles publiques et privées de Campina Grande, ayant le but de vérifier, d'après quelques présuposés de l'Esthétique de la Réception, comment les textes littéraires sont reçus par des élèves de la première année de l'Enseignement Moyen.

Mots-clés: Texte littéraire. Réception de l'élève. Perception du professeur

Introdução

Fundamentada numa pesquisa realizada[1] junto a professores de literatura da 1ª série do Ensino Médio de escolas públicas e privadas de Campina Grande, pretendemos abordar

[1] Neste artigo, retomamos parte da pesquisa que deu origem à dissertação de Mestrado intitulada *A Literatura na 1ª Série do Ensino Médio: voz do aluno e do professor,* apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFPB, defendida em 21 de março de 2002.

neste trabalho alguns aspectos relacionados com a literatura nesta série, mais especificamente com a recepção de textos literários por parte dos alunos, segundo observações dos professores. Para tanto, partimos de alguns pressupostos teóricos da Estética da Recepção, teoria que subsidiou a referida pesquisa. Considerando, portanto, a percepção dos professores no que concerne à recepção dos textos literários pelos alunos, procuramos refletir sobre uma metodologia de ensino da literatura que fosse centrada nos interesses dos alunos, o que converge para o que preconiza Hans Robert Jauss na Estética da Recepção.

Pressupostos teóricos

Para JAUSS (1978), o valor e a categoria de uma obra literária são deduzidos do efeito produzido, da recepção, da influência exercida e do valor reconhecido pela posteridade. Esses critérios são mais difíceis de ser observados do que as circunstâncias biográficas ou históricas de seu nascimento.

O efeito, que é determinado pela obra e que conserva ligações com o passado em que ela surgiu, segundo ZILBERMAN (1989: 112), "equivale à resposta ou reação motivada pelo texto no leitor; pode significar igualmente o impacto causado no sistema estético ou histórico de um dado período." Desta forma, o efeito pressupõe, por um lado, um apelo que vem do texto; por outro, uma receptividade no momento em que o destinatário se apropria desse texto. Por sua vez, a recepção, ainda na concepção de ZILBERMAN (op. cit. p. 114), "refere-se à acolhida alcançada por uma obra à época de seu aparecimento e ao longo da história. Em certo sentido, dá conta de sua vitalidade, verificável por sua capacidade de manter-se em diálogo com o público".

Nesta perspectiva, o estudo da história da recepção das obras literárias somente se torna possível quando reconhecemos e admitimos que o sentido é construído através de uma dialética intersubjetiva. No momento de sua leitura, a obra provoca um determinado efeito sobre o destinatário; ao longo do tempo, passa por um processo histórico, sendo recebida e interpretada de maneiras diferentes, o que deve ser entendido como sua recepção.

Com base em sua experiência estética, JAUSS (1979: 79-81) propõe uma inversão metodológica na abordagem dos fatos artísticos, sugerindo que o foco recaia sobre o leitor ou a recepção e não exclusivamente sobre o autor e a produção, visto que, apesar de ter sido sempre uma figura indispensável no processo literário, o

leitor raramente é citado como alguém que detém uma função histórica. Nesta perspectiva, esse teórico considera que a literatura somente se torna processo histórico concreto mediante a experiência daqueles que acolhem as obras, desfrutam delas, julgam-nas. Assim, graças ao leitor, a obra é reconhecida ou recusada, acolhida ou esquecida.

Todavia, o próprio JAUSS questiona como fazer do leitor um objeto de estudo concreto e objetivo, quando somente o ato de leitura assume a "concretização" das obras literárias, sendo ainda preciso ultrapassar o plano dos princípios e chegar a uma possibilidade de descrição e de compreensão deste ato. Para ele, a concretização é "o sentido novo que toda a estrutura da obra, enquanto objeto estético, pode adquirir, quando as condições históricas e sociais de sua recepção se modificam" (tradução nossa) (op. cit, p. 233).

Na opinião de JAUSS, no primeiro horizonte de experiência estética, chamado de "horizonte de expectativa"[2], o processo psíquico de acolhida de um texto não é uma seqüência de impressões subjetivas, mas "uma percepção guiada que se desenvolve de acordo com um esquema individual bem determinado, um processo que corresponde a intenções e desencadeado por sinais que se pode descobrir e até descrever em termos de lingüística textual" (op. cit, p. 14) (tradução nossa).

Para ZILBERMAN (1989:113), "uma das tarefas da estética da recepção é a reconstrução desse horizonte, a fim de esclarecer o relacionamento da obra com o público". Este horizonte está relacionado, prioritária, mas não exclusivamente, à experiência dos primeiros leitores de uma obra, tal como pode ser percebida "objetivamente" na própria obra. Em certos casos, esta experiência é trans-subjetiva – comum ao autor e ao receptor da obra. Desta forma, mesmo na primeira leitura de um texto, o leitor já conta com um conhecimento prévio, oriundo de seu próprio horizonte.

Considerando o efeito e a recepção, uma análise da experiência estética do leitor deve compreender a relação entre este e o texto como um processo que estabelece uma relação entre dois horizontes ou que opera uma fusão entre eles. Neste sentido, a fusão de horizontes, o que implica o texto e o que o leitor traz em sua leitura, pode se operar de maneira espontânea no prazer das

---

[2] HOLUB (apud Zilberman 1989) define o horizonte de expectativa como "um sistema intersubjetivo ou estrutura de espera, um 'sistema de referências' ou um esquema mental que um indivíduo hipotético pode trazer a qualquer texto".

experiências acumuladas, na liberação das obrigações e da monotonia cotidianas, ou na adesão ao suplemento de experiência trazido pela obra.

A pesquisa nas escolas

Com o objetivo de verificar em que medida alunos da 1ª série do Ensino Médio são receptivos aos textos literários estudados e, posteriormente, sugerir uma metodologia de ensino de literatura voltada para os interesses dos alunos, ouvimos, através de questionários e entrevistas, dezessete professores, sendo nove de escolas públicas e oito de escolas privadas. Os professores pesquisados estão identificados por letras, de A a R, enquanto que as escolas estão divididas em quatro grupos: escolas particulares de excelência e de nível sócio-econômico médio, identificadas respectivamente como A e M, e escolas públicas, CEPES e não-CEPES; estas escolas são diferenciadas entre si por números: A 1, 2, e 3; M 1, 2, 3 e 4; CEPES 1. 2 e 3 (CORDEIRO: 2000, 29)

Apesar de termos utilizado dois instrumentos de pesquisa, entrevistas e questionários, tanto junto a professores quanto a alunos, neste trabalho trataremos apenas das respostas dos professores às entrevistas, ocasião em que procuramos conhecer sua opinião no que tange à prática pedagógica face ao programa da 1ª série, assim como à postura dos alunos diante dos textos literários estudados durante esta série.

Análise de dados

Indagados a respeito das fontes de pesquisa para preparação de aulas, os professores citaram os livros didáticos. Destes manuais, é retirado todo o material para preparação das aulas, textos teóricos e literários utilizados em forma de apostilas, com adaptações, segundo eles, para atender às peculiaridades dos alunos. No entanto, os mesmos professores citam a "falta de tempo" como um dos maiores problemas enfrentados na prática diária, razão por que as adaptações a que se referem tratam apenas de uma seleção de questões de abordagem do mesmo texto literário por vários autores de manuais didáticos, já que esses textos são repetidos. Verificamos, então, que não há uma intervenção criadora do professor, já que ele se limita a estudar apenas os textos presentes em manuais, mesmo que estes não sejam apreciados

pelos alunos. Desta forma, embora conheçam os interesses dos alunos, os professores mantêm a mesma postura, sempre seguindo o livro didático e preocupados, acima de tudo, com o programa do Processo Seletivo Seriado (PSS), implantado a partir de 2000 na UFPB, com vistas à seleção cumulativa e seriada de candidatos a seus cursos superiores desde a 1ª série do Ensino Médio.

Com relação ao programa de literatura seguido, ou seja, o que é sugerido pelo PSS já que as escolas pesquisadas não dispõem de um projeto político-pedagógico, os professores nem sempre se mostram satisfeitos com este programa, considerando as dificuldades com que se deparam os alunos, conforme atestam as passagens das entrevistas:

Prof. H, CEPES 1, diurno:

> O maior problema do programa de literatura da 1ª série é a falta de conhecimento de poesia. Os alunos não sabem e não gostam de poesia. A gente não tem recursos. É muito difícil a gente conscientizar o aluno da necessidade e da importância da literatura. Eles vêm alheios, eles não gostam, não conseguem entender a linguagem. A gente até já pensou em começar pelo Modernismo. Mas aí vem a dificuldade pro aluno prestar Vestibular. Como é que seria isso? A não ser que a Universidade também moldasse um Vestibular apropriado pra isso, não é?

Prof. E

> O aluno chega ao 1º ano, entra diretamente no Quinhentismo, no Barroco, sem ter noções de teoria literária, sem saber o que é um verso, uma rima, um poema, o que é um gênero literário. Então eu acho que o ensino da literatura deveria começar a partir, no mínimo, da 7ª série, onde ele veria a poesia, textos, teria contato com a linguagem literária.

Verificamos que os professores entrevistados admitem que o programa de literatura da 1ª série não está adequado à faixa etária dos alunos. A dificuldade maior, segundo depreendemos das respostas, está relacionada com a "história da literatura" que é estudada na 1ª série. Para JAUSS (1978), a história da literatura, com ênfase no contexto histórico e na biografia dos autores, é apenas uma "moldura" da literatura e não seu estudo, haja vista que cabe ao texto dar conta da historicidade da literatura.

Por outro lado, observamos uma prática docente em que a teoria aparece dissociada da prática de leitura de textos literários, o que dificulta, ainda mais, a apreciação dos textos pelos alunos. Neste sentido, todos os professores pesquisados se posicionam favoravelmente a um programa de literatura iniciado pelos poetas modernos, cujos poemas são mais apreciados pelos alunos por estarem mais próximos da realidade deles, portanto, por se aproximarem mais de seus horizontes de expectativa. Entretanto, a recepção dos textos também aparece associada à metodologia de trabalho do professor, de forma que mesmo um poema de uma época mais distante pode agradar aos alunos, caso citado por eles próprios e pelos professores com relação aos poemas líricos de Camões e aos líricos e satíricos de Gregório de Matos, que agradam, sobretudo, pela temática. Os depoimentos a seguir ilustram esta percepção:

> Prof A, escola particular M 1:
>
> A gente vê que às vezes não é nem a época, se é um escritor contemporâneo ou um escritor clássico, é a temática. O prazer maior, a reação maior é a temática. Nós estudamos Camões, ele encanta, agrada. Um poeta clássico não deveria agradar. Tem escritores contemporâneos que eles não gostam, como Murilo Mendes. Poucos têm o hábito da leitura. Eu diria que o poema cai 60% no agrado deles. Outros dizem que é "coisa de boiola", os meninos.

> Prof. B, escola particular M 3:
>
> Eles não gostam. Acho que uma margem de 65% não gostam. Eles ficam dizendo que é história. Eles têm muita dificuldade no Barroco, porque a linguagem é difícil. Eu acho que a reação vai de acordo com o embelezamento que você dá. Por exemplo, Gregório de Matos, eles reagem muito bem, porque é um poeta muito polêmico. Eles já ouviram A ou B falar nesse nome ou em "Boca do Inferno".

> Prof. C, escola particular A 1:
>
> Se começasse com os poetas mais próximos deles, com certeza eles se interessariam mais. Quando eu começo a trabalhar com as noções de texto literário e não-literário, normalmente eu pego poemas modernos, sendo que isso é só no início do ano. Depois a gente pára, tem que entrar realmente no Classicismo, Quinhentismo, Barroco e Arcadismo. Eles têm mais dificuldade de entender esses poemas do que os modernos, porque o poema clássico é bem mais complexo. Eles estão começando a ter contato com a literatura agora e começam pela época mais difícil. Então, quem já não gosta de literatura passa a detestar.

Verificamos que há um consenso entre os docentes no que diz respeito a constatações face ao programa da 1ª série. Primeiramente, observaram que os alunos começam a estudar literatura pela época cuja poesia é mais "complexa"; em seguida, afirmaram que haveria maior rendimento se os alunos começassem a estudar literatura pelos poemas modernos, porque quando saem destes, estudados logo no início do ano letivo como suporte para o conteúdo de teoria literária, para textos da literatura clássica, há um "choque". Assim, os poemas mais apreciados pelos alunos são, sem dúvida, aqueles mais próximos deles. Por outro lado, alguns professores argumentam que o interesse do aluno não tem relação com a época, mas com a temática e a metodologia empregada pelo professor de literatura. Por fim, quase todos afirmam que a poesia agrada mais do que a narrativa. Todavia, indagados a respeito de sua preferência em termos de leitura literária, todos os alunos pesquisados apontaram o romance como leitura preferida, inclusive citando muitas obras literárias já lidas.

Complementando a questão anterior que buscou a opinião dos professores acerca do programa de literatura da 1ª série, procuramos saber o que pensam os docentes a respeito do PSS 1:

> Prof. C, escola particular A 1:
>
> O PSS veio para "bagunçar", porque a gente acaba, na verdade, castrando do aluno essa possibilidade de despertar o gosto pela leitura. Agora, infelizmente, o programa, o conteúdo não facilita isso.

Prof. F, CEPES 1, noturno:

Eu sempre achei que o PSS não era viável. Pode ser muito bom, interessante, mas deixa a desejar, justamente nisso: porque é uma coisa de imediato. E literatura é História, e História não se aprende do dia pra noite. Então tem deixado a desejar. Eu acho que deveria ser repensado.

Prof. H. CEPES 1, diurno:

Aqui no colégio os alunos estão levando até sorte. Em português, pelo menos, o número de acertos é de causar admiração. Agora eu ainda estou com muita dúvida pra avaliar esse PSS. Tem hora que eu acho que vai ser bom, tem hora que eu acho que vai discriminar.

As avaliações foram feitas com base em diferentes aspectos: alguns professores da rede pública têm uma visão positiva do PSS, porque seus alunos obtiveram bons resultados, outros temem a discriminação dos alunos da rede pública em relação aos da rede privada, no que concerne a material didático e à diferença da carga horária, sobretudo no curso noturno. Há ainda a questão da falta de interesse, citada pelo professor I, do CEPES 2, noturno: "na maioria dos casos não têm interesse não".

Por outro lado, dois professores insistem em atrelar a literatura à História, o primeiro preocupado com a questão da interdisciplinaridade, o segundo chegando mesmo a formular uma tese: "Literatura é História". Enquanto discordamos frontalmente deste último professor, consideramos irrelevantes os argumentos apresentados pelo primeiro, ao considerar inseparáveis os estudos históricos e literários. Contudo, um fato chamou particularmente nossa atenção: apesar de praticamente todos os professores terem criticado o programa do PSS 1, devido às dificuldades que enfrentam com os alunos em sala de aula e à falta de identificação destes com os textos literários dos autores sugeridos no programa, nenhum deles apontou a incompatibilidade deste programa com os interesses dos alunos. Da mesma forma, nenhum professor referiu-se à questão da extensão do programa, face à reduzida carga horária de literatura na 1ª série, diferentemente da posição assumida pelos professores que responderam ao questionário.

Por fim, encerrando o bloco de questões a respeito da recepção do texto literário, perguntamos aos professores se têm observado interesse dos alunos da 1ª série pela leitura literária, ao longo de sua prática docente. Para esta questão, obtivemos, dentre outras, as seguintes respostas:

Prof. B, escola particular M 3:

Eles vêm piorando, cada vez lêem menos. Televisão, Internet...

Prof. F, CEPES 1, noturno:

Em termos de aproveitamento, hoje tem sido menor. Antes já foi melhor. Hoje os alunos não lêem mais, quando deveriam ler. A falta de leitura é um dos grandes problemas da escola. Não sei se na escola privada, mas na pública é a leitura.

Prof. G, CEPES 2, diurno:

O aluno não lê quase nada. Mas depois do PSS nós estamos muito empenhados com o tipo de para-didáticos, apesar de no 1º ano o PSS não exigir, porque é mais no 2º e no 3º ano. Mas já há uma preparação para eles irem despertando. Uma das primeiras perguntas que eles fazem quando a gente apresenta o conteúdo programático no primeiro dia de aula é "nós vamos ler o quê?" Nesse ponto, eles estão até interessados, meio despertos. Atualmente eles lêem mais do que antes.

Apenas um dos professores pesquisados admite que a maioria de seus alunos gosta de ler. Quanto aos demais, todos afirmam que os alunos não gostam de ler, apesar de observarem que alguns alunos começam a despertar para a leitura literária, tendo em vista o PSS. Na verdade, não houve uma preocupação dos professores no sentido de indicar leituras de obras literárias durante a 1ª série do Ensino Médio: como seguem o programa do PSS e neste não foram sugeridas outras leituras, predominou o pragmatismo, e os alunos não foram orientados para leituras como experiências estéticas.

Considerações finais

A prática docente nas escolas pesquisadas fundamenta-se, basicamente, em dois pontos: por um lado, o programa do PSS 1, da UFPB; por outro, os livros didáticos, como única fonte de pesquisa. Assim, não observamos uma preocupação com relação ao aluno como leitor, como centro de interesses no processo de leitura literária, ainda que os professores demonstrem conhecer seus horizontes de expectativas, isto é, seus interesses em termos de

leitura literária. Da mesma forma, durante toda a pesquisa, não sentimos, da parte dos professores, um esforço maior no sentido de ver o aluno como um elemento ativo no processo de leitura.

Apesar de os professores terem apresentado várias justificativas para as lacunas do ensino da literatura, tendo em vista, sobretudo, problemas relacionados com os alunos, tais como falta do hábito de leitura literária, desinteresse diante dos poemas, atitudes de apatia nas aulas de literatura, outras questões merecem atenção, no momento em que constatamos algumas divergências entre sua opinião e a dos alunos pesquisados. Com relação ao interesse pela leitura literária, por exemplo, num grupo de setenta e seis alunos, apenas seis afirmaram não gostar de ler, enquanto cinco avaliam que lêem pouco. A metodologia de trabalho dos professores, por sua vez, não vem contribuindo para reverter o quadro de ensino descrito por eles próprios como de apatia e desinteresse diante dos textos literários.

Com base nas análises das entrevistas e questionários dos professores pesquisados, acreditamos que uma metodologia de ensino fundamentada na Estética da Recepção seria bastante frutífera junto a adolescentes, levando-se em conta alguns aspectos essenciais desta teoria, tais como a identificação do horizonte de expectativas do grupo, marcado por seus interesses literários e por suas vivências, o efeito e a recepção da obra.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Euda de Araújo. *A Literatura na 1ª Série do Ensino Médio:* voz do aluno e do professor (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: UFPB, 2002.

JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception.* (Traduit de l'allemand par Claude Maillard. Tradução francesa com prefácio de Jean Starobinski). Paris: Gallimard, 1978.

_____. "A Estética da Recepção: colocações gerais". In: LIMA, L.C. (Seleção Tradução e Introdução). *A Literatura e o Leitor:* textos da Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63-82.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*: São Paulo, Ática, 1989, VI.